

Histórico

Fornos de Cal

Estrada Municipal Pery Pereira Costa

Os fornos de cal em estudo estão localizados na margem direita da estrada municipal que liga a cidade de Ponta Grossa ao Distrito de Itaiacoca, asfaltada até o povoado de Biscoia distante a 32 quilômetros do centro da cidade.

O primeiro forno de cal encontra-se na localidade do Passo do Pupo, e o segundo próximo de Biscoia ambos no Distrito de Itaiacoca. Esses fornos foram construídos na década de 1970, pela Sociedade Paranaense de Mineração Ltda, dirigida pelos Snrs José de Souza Netto e Renato Bruno de Oliveira. Nesta época existia intensa exploração mineral, principalmente de dolomitos, utilizados para a fabricação de cal e para corretivo de solos.

Geologicamente, Itaiacoca está localizado sobre o planalto pré-Cambriano, limitado pela Serra do Mar e escarpa devoniana da Serrinha. Além de intrusivas graníticas, afloram rochas metamórficas muito antigas, datadas de pelo menos 604 milhões de anos, segundo Almeida (1964). Na área de Itaiacoca ocorrem dolomitos intercalados com quartzitos e filitos, limitados por grandes corpos de rochas graníticas intrusivas.

Histórico:

O Distrito de Itaiacoca foi criado por Lei Municipal nº 203 de 03 de Janeiro de 1909, tendo por sede Serrado Grande, com uma área de 663 km apresenta terras muito férteis e ricas em variedades minerais, as quais pertenceram no período Colonial, à grande sesmaria da Conceição, de responsabilidade do Capitão Mor-Pedro Taques de Almeida, que compreendia, ainda muitos alqueires de terras situadas às margens do rios Jaguaricatú e Iapó. Cobertas de densa vegetação, planícies infundáveis que foram sendo distribuídas entre os parentes dos Taques de Almeida, formando pequenos núcleos e povoados, muito dos quais vivendo em torno das minas talcíferas e calcáreas, ou à beira das estradas que demandavam ao interior, empenhados na lavoura e pecuária de subsistência.

Em 1704, falava-se da “paragem” de Itaiacoca, pelo movimento tropeirista que debandavam do Sul do País. Em 1780, a Câmara, de Curitiba resolveu nomear o Sr. Joaquim F. Pinto para Guarda-Mor da região de Pitangui e Itaiacoca, transformadas em “Pouso” pelos tropeiros. Em face da exploração do local, a família Taques de Almeida introduziram ali algumas famílias, muitas delas procedentes de outros Estados, as quais se somaram alguns colonos de origem européia, adaptadas às condições climáticas da Paraná, trabalhando com o cultivo da terra.

Pelos idos dos anos de 1790, um grupo de Jesuítas adentrou o interior, a fim de promover a catequese e a pacificação dos silvícolas e a descoberta de elementos que estimulassem um estudo mais detalhado da região, numa tarefa paralela à dos bandeirantes que seguiam o famoso caminho de Peabiru (dos Andes ao litoral paulista à altura do Rio Ribeira) responsável pelas primeiras demarcações e descobertas de ouro de aluvião, ainda encontrado nos pequenos rios que cortam matas e campos. Os Jesuítas criaram uma missão às margens do riacho Pedra Grande na localidade de do Cerradinho, desenvolveram a lavra de ouro de aluvião, onde ainda encontramos vestígios de ruínas jesuíticas no Cerrado Grande, principalmente na construção do cemitério no Cerradinho.

Mais tarde, com o desmembramento da sesmaria e a passagem das terras a muitos donos, os posseiros ali instalados requereram as terras por eles cultivadas, as quais foram registradas na Cartório da Vila de Castro, em nome de Simão Pinheiro Toledo, José Santos e João Paula dos Santos.

O Distrito de Itaiacoca dista apenas 30 kms de Ponta Grossa a leste, integrado pelas localidades de Barra Grande, Biscaia, Cerrado Grande, Campinas, Caetê, Imbuia, Mato Queimado, Princesa do Ribeirão, Ribeirão da Cruz, Rio de Dentro, Roça Velha, Rio Bonito, Serradinho, Sete Saltos, Anta Moura, Carazinho, Passo do Pupo, Conceição, Caçador dos Casemiros e Bairro dos Ingleses.

Embora muitos desconheçam, Itaiacoca é uma das regiões mais ricas dos Campos Gerais, possui uma área de 312 alqueires de puro talco. Coube a família Menezes a exploração das minas de talco. A primeira descoberta no Paraná, foi a Mina de São José em 1917.

O Sr. Domingos Pupo Menezes foi o pioneiro na exploração da Itaiacoca Mineração Indústria e Comércio, juntamente com seus filhos: José Domingos de Menezes Dias e Teodorico de Menezes Dias, que morreram em função das atividades que desempenharam nas Minas de Itaiacoca. Enquanto que Domingos Pupo Menezes e Juarez de Menezes Dias, prosseguiram duros trabalhos em prol do progresso.

Vários historiadores afirmam que o talco extraído das Minas dos Menezes era um verdadeiro ouro branco, ou melhor o petróleo de Ponta Grossa. As jazidas da Itaiacoca Mineração Indústria e Comércio, estavam divididas em oito minas. Desta, apenas três estavam sendo exploradas, segundo os técnicos, era um filão que podia produzir talco por aproximadamente duzentos anos.

Segundo relatório de 1936, consta que existiam 12 fábricas de cal, 2 de talco e 3 fontes de água mineral, e, que a população na maioria eram de lavradores, madeiros e operários de fornos de cal.

Em 1962, foi fundada a Costalco Mineração, pelos Srs. Pery Pereira Costa e José Osmar Antunes Ribeiro, tendo iniciado suas atividades na localidade de Abapã, Município de Castro, mais tarde transferiram a matriz para Ponta Grossa, ficando o Abapã e Socavão como filiais. Devido a dedicação e conservação da estrada asfaltada até Biscaia, tem o nome em homenagem a um dos fundadores, Estrada Municipal Pery Pereira Costa.

Já em 1975, essas três minas exploradas produziam em torno de 300 toneladas ao dia, de talco para perfumarias, cerâmicas, indústrias de construção civil, indústria de inseticidas e agropecuária. Gerando mais de 150 empregos diretos, sendo que a maioria eram pessoas que residiam no local, não possuíam nenhuma instrução e manejavam os equipamentos e executavam pesados trabalho com picaretas pontiagudas e também dirigiam os tratores no alto das minas.

A crise das indústrias, principalmente das cerâmicas na década de 1990, foi sentida também pelas minas, que vendiam a matéria-prima para as olarias. Estas minas diminuíram a produção e demitiram funcionários, que sem trabalho, emigraram para a cidade, formando as favelas no Jardim Paraíso, Vilela, Vila Mariana, entre outras.

Fontes

Álbum de Ponta Grossa. Gestão do Prefeito Municipal Albary Guimarães - 1936.

Álbum de Ponta Grossa. Gestão do Prefeito Amadeu Pupo - 1975.

Documento Histórico - Costalco Mineração - 1999.

CHAMMA, Guísela Frey. As Sesmarias e as Primeiras Fazendas. 1999.

Pesquisadora: Isolde Maria Waldmann.


Isolde Maria Waldmann
Seção de Pesquisa e Arquivo
DPC

Estrada Municipal Pery Pereira Costa – Passo do Pupo
(Forno de Cal)

O forno de cal em questão está localizado à margem direita da estrada que liga Ponta Grossa ao Distrito de Itaiacoca, asfaltada até o povoado de Biscaia, distante a 32 km do centro da cidade.

Este foi construído em 1971, permanecendo em funcionamento por 8 anos, quando foi desativado (devido aos altos custos e por serem movidos à lenha), e também devido às leis de preservação ambiental.

Os fornos com 2 bocas eram chamados contínuos, pois queimavam lenha em metro durante 24 horas. O forno era carregado manualmente e tinha capacidade para 25 a 30 toneladas de pedra bruta, produzindo 1 tonelada de pedra queimada a cada 2 horas, que posteriormente era colocada em moinhos para ser moída e depois embalada em tambores de até 180 quilos, que eram carregados pelos empregados até os caminhões.

A matéria-prima para abastecer o forno era oriunda das minas de calcário do Distrito de Itaiacoca, região rica em jazidas minerais.

A demanda era grande pelo cal bruto em pedra, que também era comercializado. Para operar um forno, trabalhavam seis pessoas nos três turnos, sendo que os operadores usavam protetores, luvas e botas, porém, muitas vezes sofriam queimaduras na pele. Os funcionários tinham funções definidas, como foguistas, moringueiros e carregadores.

Com a desativação dos fornos, inicialmente os trabalhadores ficaram desempregados; e posteriormente foram trabalhar em granjas e fazendas da região. Atualmente, o forno é propriedade do SENAI, que mantém um funcionário: Sr. José Orlando Clarindo, que trabalhou no mesmo durante sete anos.

Fonte

Entrevista com Sr. José Orlando Clarindo, concedida a Isolde Maria Waldmann em 13 de abril de 2002.

Pesquisadora – Isolde Maria Waldmann. Seção de Pesquisa e Arquivo - Compac

Isolde Maria Waldmann
Seção de Pesquisa e Arquivo
DPC

Estrada Municipal Pery Pereira Costa – Três Barras

(Forno de Cal)

O referido forno de cal encontra-se à margem direita da estrada Pery Pereira Costa, na localidade de Três Barras. Pertence aos filhos do Sr. Ernani Batista Rosa, Norton e Ney Batista Rosa. Foi construído na década de 1960, tendo por finalidade produzir cal virgem. Está desativado desde o ano de 1982, porém, deverá retornar suas atividades em breve.

Quando em funcionamento, empregavam até dez funcionários diretos, bem como os indiretos, que cortavam e transportavam lenha e os trabalhadores que exploravam minas nas pedreiras.

Algumas das causas da paralisação da produção de cal foram os altos custos operacionais, encargos sociais da empresa e o rigoroso controle das leis ambientais.

Segundo Ney Batista Rosa, há em sua propriedade um forno de barranco, construído há quase um século, quando as cargas e descargas eram feitas através de carros de bois. O cal virgem era colocado em cestos de taquara e vendidos na cidade de Ponta Grossa.

Na área de entorno dos fornos, há uma vegetação com pinheiros naturais (bracatinga) e também um pequeno riacho, que abastecia o forno.

A família Batista Rosa também é proprietária da Indústria Ponta Cal, de Três Barras, em Itaiacoca, produzindo talco em grande escala e de primeira linha.

Fonte

Entrevista com Sr. Ney Batista Rosa, concedida a Isolde Maria Waldmann em 12 de abril de 2002.

Pesquisadora – Isolde Maria Waldmann – Seção de Pesquisa e Arquivo do Compac.


Isolde Maria Waldmann
Seção de Pesquisa e Arquivo
DPC

FORNOS DE CAL

Isolde Maria Waldmann Cadeira nº 14

Itaiacoca é um Distrito do Município de Ponta Grossa, já foi considerado celeiro deste, por produzir inúmeros tipos de cereais que abasteciam por muitos anos os armazéns e mercado da cidade. Em 29 de janeiro de 1944, o Presidente Getúlio Vargas, esteve na região para assinar um convênio com os proprietários das mineradoras, para a exploração das Minas de Itaiacoca, que, possuía uma das maiores reserva de minério do Paraná, e, de onde eram extraídos os calcários, cal e derivados. As olarias da cidade eram abastecidas com a matéria-prima, para complementar a produção de telhas e tijolos.

Um dos mais antigos fornos de que se tem notícia é o Forno de Cal dos Menezes, localizado em Três Barras há um kilometro da estrada principal. Os fornos foram sendo construídos por etapas: o primeiro foi construído por volta de 1876, tendo data na entrada mas um tanto ilegível. Alguns moradores citaram que o segundo forno foi construído por volta de 1900. Mais tarde substituídos por fornos contínuos, estando ainda em boas condições de uso.

Segundo Sr. Alci Ferreira, lembrou que o último forno foi construído na década de 60 e que este nunca foi inaugurado. Disse também que a localidade onde se encontram os referidos fornos era chamado de “Santos” mais tarde devido às atividades da Família Menezes, o nome passou a ser conhecido como “Menezes”, cujos nomes estão ligados a introdução das Industriais de mineração em Itaiacoca, sendo os pioneiros desta atividade.

Tendo destacado-se nestas atividades o Sr. Domingos Pupo Menezes, Durval Menezes e o Capitão Euzébio Barbosa Menezes, um dos fundadores da cidade de Londrina. Segundo Sr Alci, o Capitão e os seus familiares investiram muito na exploração das minas de Itaiacoca.

A localidade onde se encontram os fornos contínuos é belíssima, têm um lago natural, casas de alvenaria, uma escola denominada de “Durval Menezes”, destacando-se no alto a Igreja de São Sebastião construída em madeira.

Seu solo é coberto por diversas espécies de gramíneas, capões de mata nativa como: pinheiro, cedro, imbuia entre outras. Está paisagem em conjunto com as figuras cênicas das pedras esbranquiçadas, formam um dos mais belos cenários panorâmicos da região de Itaiacoca.

Neste distrito está localizada a maior reserva florestal de mata nativa do município de Ponta Grossa, que vem sendo mantida e conservada pelos proprietários, alguns herdeiros dos antigos sesmeiros, responsáveis pela

ocupação e permanência nos Campos Gerais desde 1704, sendo também os fundadores da Freguesia de Ponta Grossa.

No final do século XIX, Itaiacoca, recebeu várias famílias de imigrantes, poloneses, italianos entre outros agricultores que trabalhavam na lavoura. Com o passar dos anos, muitos destes proprietários venderam suas propriedades, e outras hipotecaram-na dando como garantia aos bancos, principalmente para o BANESTADO. Esta Instituição Financeira pertencente ao Estado do Paraná, tornando-se proprietário de uma boa parte das terras que vem desde o Cerro Azul, Itaiacoca, Socavão, etc. Nestas áreas plantaram mudas de eucaliptos e pinos, destruindo boa parte das terras de lavoura, fauna, flora e prejudicando também as nascentes dos rios.

Os moradores deste distrito reclamaram em entrevista que, desde final de 1940, o Município de Ponta Grossa não fez nenhum investimento para incentivar a permanência dessas famílias em suas terras. Não tendo nenhum incentivo deixaram a lavoura de cereais e por necessidade vieram morar na cidade, dando origem ao aparecimento de novas Vilas como: Jardim Paraíso, Vila Mariana, Vila Borsato, Vila Rica, Vilela as margens do Riacho Pilão de Pedra. Com a saída desses lavradores da zona rural aumentou os problemas sociais da cidade.

Até meados de 1980, as pequenas escolas ainda funcionavam nos povoados da região de Itaiacoca Não havia necessidade da Prefeitura contratar ônibus para transportarem as crianças quilômetros de distância para irem estudar nas escolas da sede do Distrito.

Quem fazia este trajeto até a escola no início da semana, eram os professores, que moravam temporariamente nas dependências das escolas.

Estas professoras eram contratadas pela Prefeitura de Ponta Grossa para lecionarem na zona rural, sendo que a maioria eram recém formadas do Curso de Magistério e buscava o primeiro emprego. Os pais destas jovens ficavam surpresos, quando as filhas chegavam em casa com a notícia de que estavam contratadas para irem lecionar em escolas da zona rural em locais distantes e desconhecidos.

Essas professoras regressavam para a cidade nos finais de semana voltando novamente na segunda-feira de ônibus ou de moto. Elas faziam amizade com as pessoas que residiam próximo das escolas, que também tinham a função de controlar a chegada e saída das mesmas. Atualmente essas escolas estão abandonadas, e outras estão sendo usadas como moradia.

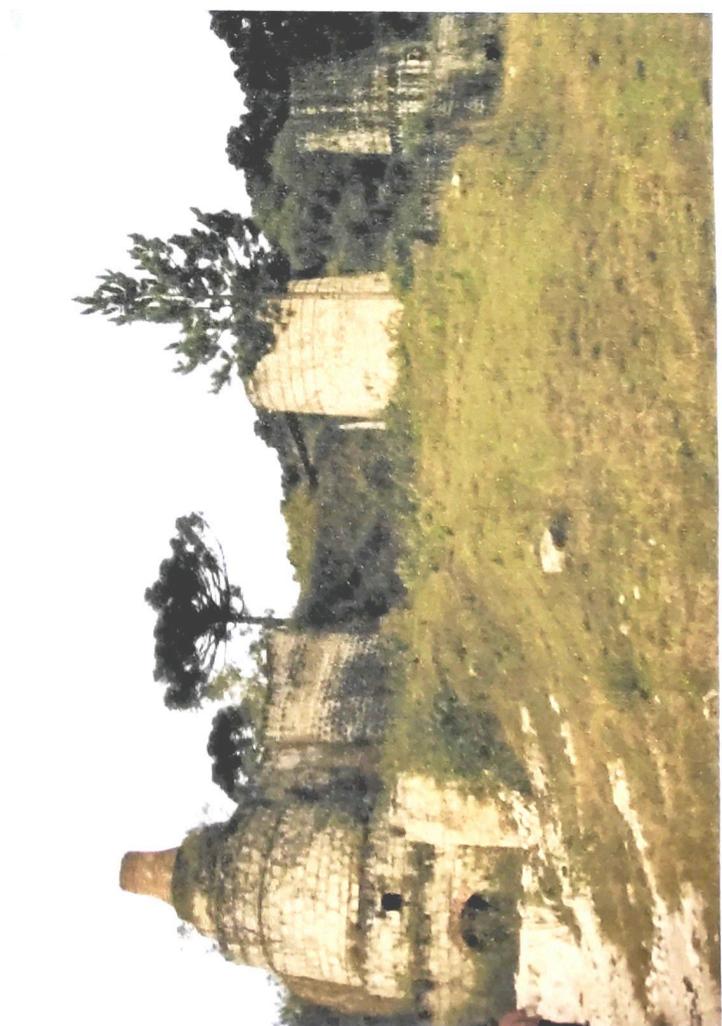
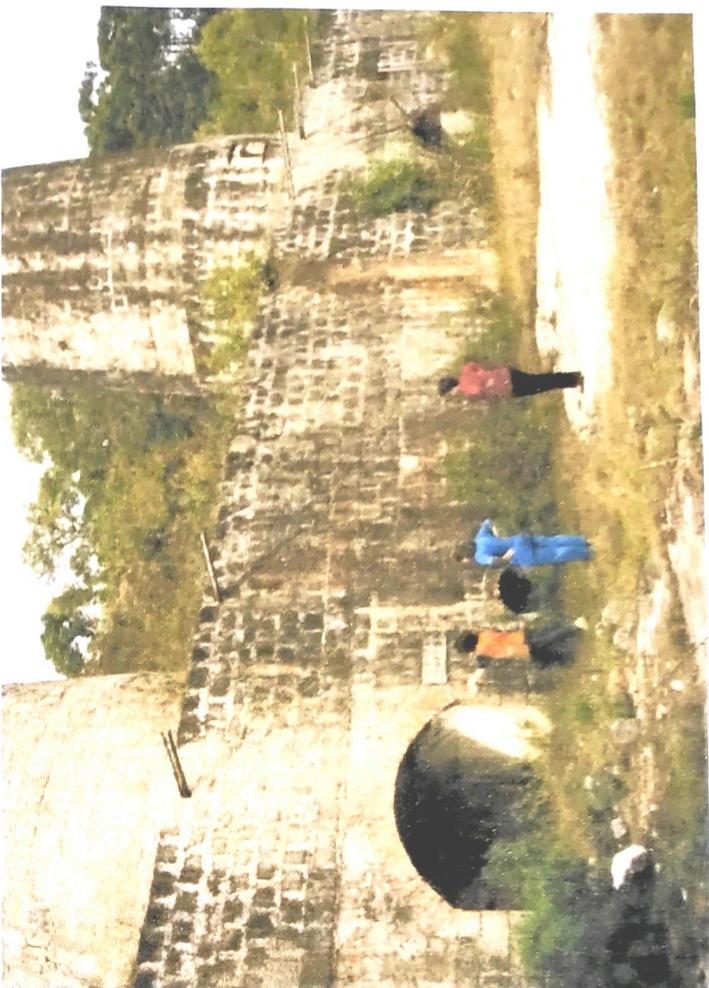
Em 2002, em entrevista, alguns moradores de Itaiacoca, relataram que muitos dos filhos nascido no distrito estavam retornando para a origem de nascimento e, estavam adquirindo terras e nela, construindo uma pequena

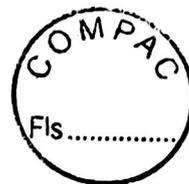
propriedade para que pudessem aproveitar sua aposentadoria e passar uma velhice feliz.

Fonte: entrevista com Sr. Alci Ferreira, 19 de agosto de 2005.

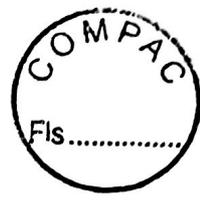
Texto de Isolde Maria Waldmann
Conselheira do COMPAC- Fundação Cultural Ponta Grossa







Projetos – Levantamentos



Parecer da
Comissão Temática

Ofício nº 79/2006/COMPAC

Ponta Grossa, 04 de agosto de 2006.

Recebe
FERNANDES & CAZZARO ADVOGADOS ASSOCIADOS

Pelo presente informo as decisões apresentadas pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural referentes aos processos nº 1560076/2006, 1560073/2006 e 1560081/2006, que solicitam a retirada dos imóveis constantes dos protocolos acima citados, da relação de bens com interesse de preservação, conforme pareceres em anexo.

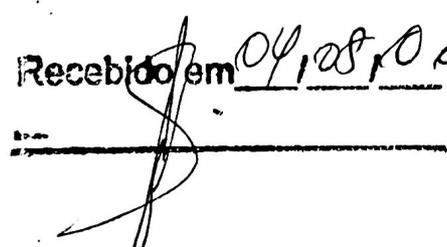
Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente


ELIZABETH SILVEIRA SCHMIDT
Secretária Municipal de Cultura
Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural

Rua Julia Wanderley, nº 936 / Fone 3901.16.06
Ponta Grossa - Paraná

Recebido em 04/08/06



**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO CULTURAL
CONSELHO MUNICIPAL DE PATRIMÔNIO CULTURAL – COMPAC**

PARECER Nº 03/2006

PROTOCOLO Nº 1560081/2006

REQUERENTE: FERNANDES & CAZZARO ADVOGADOS ASSOCIADOS

ASSUNTO: RETIRADA DO INVENTÁRIO CULTURAL DO MUNICÍPIO

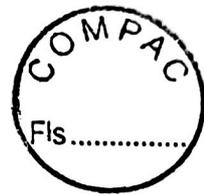
Os dois fornos de cal existentes na propriedade de Astrid Romilda Lange Batista Rosas, são integrantes do inventário de bens com interesse de preservação cultural por serem característicos de uma época e da cultura da Região de Itaiacoca, constituído um dos mais belos cenários panorâmicos da localidade, a qual pertence a maior reserva florestal de mata nativa do Município. Referência importante na paisagem histórica e desenvolvimento econômico-social do Distrito.

De acordo com os estudos e levantamentos efetuados por historiadores, arquitetos e agentes culturais e pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural constantes em documentos anexos, os bens devem ser preservados para que não seja destruída a memória e a identidade cultural da cidade de Ponta Grossa.

É O PARECER.

Ponta Grossa, 03 de agosto de 2006

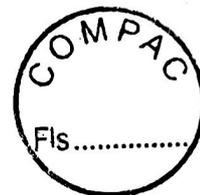

ELIZABETH SILVEIRA SCHMIDT
Presidente do COMPAC



Documentos



Justificativa Arquitetônica



PROJETO EM ÁREA HISTÓRICA:

A edificação deverá harmonizar-se com o conjunto histórico existente em seu entorno, e para tanto recomenda-se que:

1. A construção seja feita no alinhamento predial;
2. A altura da construção seja fixada em 2 pavimentos no alinhamento predial, sendo os demais andares recuados;
3. A altura dos edifícios seja fixada em 5 andares;
4. Os vãos deverão harmonizar-se com o conjunto, levando em conta o ritmo e proporções das construções existentes nas adjacências;
5. Caso haja cobertura aparente, esta não deve ter inclinação superior a 100%;
6. Não devem existir marquises ou outro elementos construídos avançando o alinhamento predial, sendo permitidos toldos;
7. A publicidade deve ter área máxima de 1m x largura do edifício dividido por três. Quando houver mais de um comércio no mesmo edifício, a área de publicidade deve ser dividida proporcionalmente entre todos. Caso haja publicidade em placas perpendiculares à fachada do edifício, estas não devem ultrapassar 60 cm além do alinhamento predial. A publicidade paralela à fachada não deve cobrir detalhes construtivos da mesma.
8. No caso de intervenções em edifícios históricos classificados em GP1 e GP2, o volume da edificação deve ser mantido, inclusive a cobertura e o tipo de telhas. A modulação dos vãos e ornamentação das fachadas também devem ser preservadas. No caso de construção que sofreram alterações ou descaracterizações no passado, as novas intervenções devem acontecer no sentido de devolver à edificação sua harmonia e proporções;



9. As novas intervenções, em edifícios históricos devem refletir a época em que as foram feitas. Assim sendo, não é de recomendável que se projete anexos no mesmo estilo da construção . O requerimento, nesse caso, é de fazer uma construção atual que se harmonize em proporções e ritmo com a antiga;
10. No caso de intervenções diretas no edifício antigo como anexos, toldos, placas, etc... deve-se atentar para que a intervenção reflita o tempo atual e que seja reversível, evitando-se materiais e técnicas que tenham um caráter permanente;
11. Quanto às intervenções internas, é possível fazer alterações para melhorar a funcionalidade e conforto da construção, porém certos elementos peculiares da mesma, como desníveis, escadas, pés direitos, esquadrias e paredes originais devem ser máximo preservados

Ana Paula Baars
Arquiteta
CREA 46.378 D/PR

Inventários

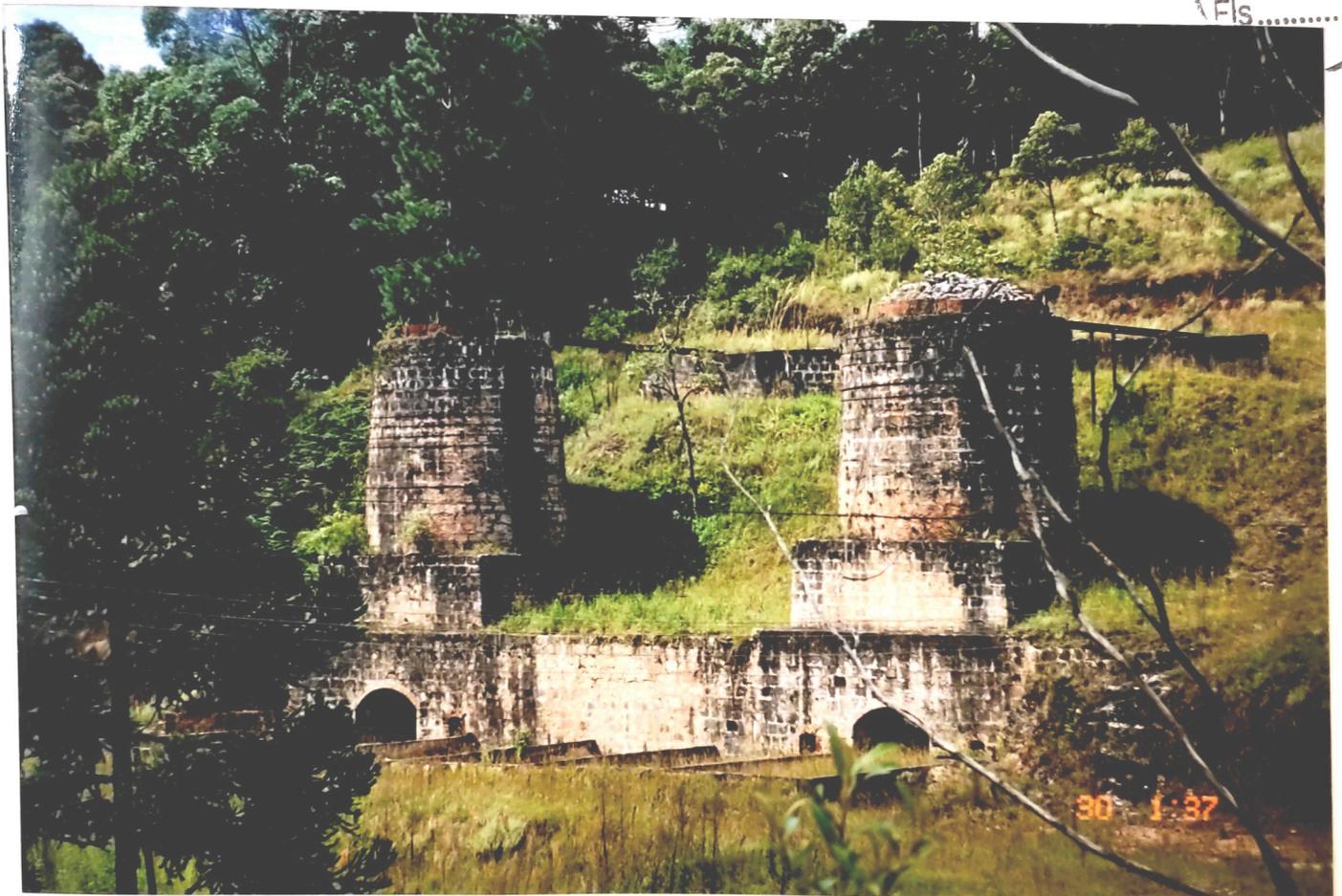
FORNOS DE CAL 01

COMPAC



FORNOS DE CAL O2

COMPAC
Fls.....



COMPAC



COMPAC



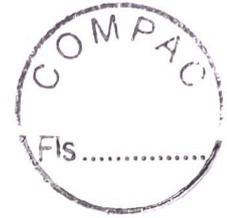
COMPAC



COMFAC
Fls.....



EXPLORAÇÃO DA CAL



Relatório

No dia 14 de fevereiro de 2003 fomos visitar e averiguar alguns dos velhos fornos de cal localizados no Distrito de Itaiacoca. Acompanhados pelo fiscal do Compac, Roberto Fidelis, verificamos o estado de conservação dos principais fornos na região entre o Passo do Pupo e Três Barras, dois dos quais encontram-se em processo de tombamento pelo Compac e havia denúncias de que estariam sendo demolidos. Constatamos que estes permanecem intactos, inalterados em relação ao estado de conservação observado anteriormente. Próximo ao primeiro deles, na localidade do Passo do Pupo, havia alterações significativas no terreno apenas em torno a uma construção de madeira que parece estar sendo refeita; mas não encontramos pessoas trabalhando no local naquele momento.

Após observarmos e fotografarmos o segundo forno, localizado na região de Três Barras, em propriedade da família de Ênio Rosa, constatando que não havia sinais de interferência nem nas construções nem na mata em torno destas, prosseguimos até a “área conhecida como “Reduto dos Menezes”, ainda em Três Barras, onde encontram-se os mais antigos fornos de cal “contínuos” da região de Ponta Grossa.

O acesso é através de via secundária e sem pavimentação rodeada por campos e muita mata. Os fornos localizam-se a cerca de 1 quilômetro do asfalto. Pudemos observar, no alto de uma colina, uma igreja bastante antiga e bem conservada, semi-escondida entre algumas araucárias e outras árvores. Há também uma antiga escola, com duas salas de aula e uma cozinha. A área onde encontram-se os grandes fornos é magnífica: trata-se de um verdadeiro recanto entre colinas cobertas pela floresta nativa. Os fornos podem ser avistados, da estrada, a centenas de metros de distância, e além destes, no ponto mais baixo do pequeno vale, observa-se um lago com cerca de 70 metros de diâmetro.

Os fornos encontram-se em bom estado de conservação. Trata-se de uma imponente construção de pedras, unindo três grandes fornos sobre uma mesma base, em três níveis diferentes, e ao ser observada a partir de certos ângulos chega a lembrar um castelo europeu da idade média. Diante de um dos fornos há uma plataforma que poderia ser utilizada com finalidades culturais, como palco de espetáculos teatrais, por exemplo. O segundo nível da construção, onde encontram-se os outros dois fornos – estes “gêmeos” – serve também como um excelente mirante proporcionando a visualização de todo o pequeno vale, com seu lago, a estrada, algumas casas e toda a mata nativa nas encostas que o cercam.

No dia em que visitamos o local, a área em frente aos fornos estava sendo roçada por empregados da fazenda e/ou funcionários da madeireira Águia, que adquiriu recentemente toda a área, a qual estaria incluída numa propriedade de aproximadamente 800 alqueires de mata nativa, segundo informações ainda não confirmadas. Também segundo boatos, haveria interesse da madeireira de substituir parte da mata nativa pela monocultura de *Pinus Eliotti*, fato que causaria um impacto ambiental gerando grande perda de riquezas naturais de valor além de descaracterizar a paisagem e reduzir desta forma o potencial turístico do local. No entanto, sabemos que o proprietário da madeireira é o atual Secretário Municipal de Turismo e Meio-Ambiente, o que deve facilitar o diálogo relativo ao destino da área aqui descrita e os possíveis interesses do COMPAC e da própria Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente.

Ao Compac
& análise.

Em 27.3.03


Ana Maria de Holleben
Presidente da Fundação Cultural
Ponta Grossa

Nossa sugestão, como conselheiros, é de que a área seja tombada como Patrimônio Histórico E Natural, e incluída num roteiro de turismo ecológico e histórico, uma vez que na região de Itaiacoca existem diversos pontos de importância turística que juntos formariam uma das mais belas rotas de visitaçao e ao mesmo tempo proporcionariam a preservação e a valorização de nosso patrimônio.

Isolde Maria Waldmann – Conselheira e Pesquisadora do Compac – Seção de Pesquisa e Arquivo.

Erickson Artmann – Conselheiro representante do Grupo ecológico dos Campos Gerais e estagiário do COMPAQ.


Isolde Maria Waldmann
Seção de Pesquisa e Arquivo
DPC